

AÇÕES INTEGRADAS DE EXTENSÃO, ENSINO E PESQUISA SOB A ÓTICA DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Rogério Ribeiro Fernandes
Docente EBTT História
Instituto Federal Fluminense campus Bom Jesus do Itabapoana
rribeiro@iff.edu.br

Brenno Diniz Brandão
Discente do Ensino Médio Integrado de Química
Instituto Federal Fluminense campus Bom Jesus do Itabapoana
brennbrandao2001@gmail.com

Victória Lessa da Silva
Discente do Ensino Médio Integrado de Química
Instituto Federal Fluminense campus Bom Jesus do Itabapoana
victoriadasilvalessa@gmail.com

Rafael Ferreira Tardin da Silva
Docente EBTT Filosofia
Instituto Federal Fluminense campus Bom Jesus do Itabapoana
rafael.silva@iff.edu.br

Guilherme Carvalho de Lemos
Docente EBTT Sociologia
Instituto Federal Fluminense campus Bom Jesus do Itabapoana
guilherme.lemos@iff.edu.br

Resumo

O *campus* Bom Jesus do Itabapoana dispõe de uma trajetória de desenvolvimento de ações de extensão com forte potencial para se conectarem ao ensino e à pesquisa. São ações de extensão por se efetivarem como movimentos direcionados para as comunidades externas, mas que se fundamentam em trabalhos de pesquisa baseados no uso de instrumentos de coleta de dados como observação direta, conversas informais, entrevistas e outras práticas comuns de etnografia. Essas ações, ainda que não estejam formalmente, tem o condão de estarem vinculadas ao trabalho cotidiano da sala de aula. É o caso, por exemplo, do cineclubes Debates, do projeto de recuperação de nascentes, da incubadora de empreendimentos solidários, de projetos ligados a pequenos agricultores; dos eventos Novembro Negro e Abril Indígena. Cada uma a seu modo, todas essas ações de extensão tem antecipado o que se pode fazer como trabalho de ensino integrado, conjugando não

apenas conhecimentos pulverizados em diferentes disciplinas, mas, acima de tudo, fundindo o tripé de sustentação ideal dos institutos federais: ensino, pesquisa e extensão. O desafio que aqui se coloca é o de transformar o tripé em quadripé, abrindo uma brecha para se pensar e fazer inovação ou, mais especificamente, produzir, em audiovisual, narrativas que tratam desta conjunção de contrários aparentes. O objetivo é fomentar a produção de documentários etnográficos cujas narrativas contemplem o potencial integrador de ações de extensão do *campus*, exercitando trabalho criativo e olhar etnográfico, bem como aprofundando debate em torno de um modelo educacional integrador, que concilia ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-Chave:

Ações Integradas, Produção Audiovisual, Documentários Etnográficos.

Introdução

O *campus* Bom Jesus do Itabapoana tem se destacado, nos últimos anos, por apresentar uma trajetória própria de desenvolvimento de ações de extensão com forte potencial para se conectarem ao ensino e à pesquisa. Nesse caso, se enquadram as seguintes ações:

a) Projeto Cineclubes Debates, coordenado pelo professor de Filosofia, Rafael Tardin: desde 2015, tem se notabilizado por realizar sessões comentadas de filmes de gêneros cinematográficos diversos, dentro e fora do *campus*, sempre buscando debater temas cotidianos ou não com profundidade; a equipe do projeto já marcou presença em diversos eventos, mesmo fora do município de Bom Jesus do Itabapoana, disseminando cultura cinematográfica e estimulando cinéfilos a produzir em audiovisual.

b) Projeto de Recuperação de Nascentes do Vale do Rio Itabapoana: desenvolvido em parceria pelas servidoras Mirian e Lilian, mapeou dezenas de áreas de nascente, mobilizou produtores rurais e outras pessoas da comunidade externa, promoveu o plantio de centenas de mudas de árvores nativas, recuperou nascentes até então degradadas.

c) Incubadora de Empreendimentos Solidários: projeto coordenado pela servidora Paula Bastos, tem sido uma difusora do conceito e da prática de economia solidária junto a grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade social, oferecendo suporte necessário ao desenvolvimento de empreendimentos solidários como a NUTRIARTE de Bom Jesus e o restaurante Casa de Artes de Machadinha, em Quissamã.

d) Projetos ligados a pequenos agricultores: liderados pelo professor de Sociologia, Eduardo Moreira, esses projetos têm atendido a comunidades rurais dos municípios de Bom Jesus e Apiacá-ES, também estimulando ações de economia solidária e disseminando práticas de agricultura sustentável.

e) Novembro Negro e Abril Indígena: eventos realizados pela equipe do NEABI, sob coordenação da professora de História, Tatiana Sena, tem conseguido mobilizar comunidade interna e externa em torno de ações de política afirmativa que são direcionadas para questões ligadas aos afrodescendentes e indígenas; ambos os eventos já ultrapassaram as fronteiras de Bom Jesus e tem se tornado referenciais no IFFluminense ou mesmo junto a outras instituições de ensino, pesquisa e extensão.

Essa trajetória inerente ao *campus* Bom Jesus, que o distingue dos demais *campi* do IFFluminense e assim se apresenta como marca própria de identidade para uma antiga escola rural, hoje inserida em parte num perímetro urbano, tem despertado a atenção de um observador mais arguto, de um leitor experimentado de CARDOSO DE OLIVEIRA (2008) quando este trata do olhar etnográfico. No caso, do olhar que busca apreender o sentido latente das interações sociais através de um método que leva em consideração dois atos cognitivos conjugados (o olhar propriamente dito e o ouvir) e outro ato descritivo e analítico (o escrever). Ora, em se tratando do *campus* Bom Jesus, as interações tem sido intensas, potencializadas por ações extensionistas que envolvem pessoas e grupos das comunidades interna e externa. São processos interativos nos quais aparecem as chamadas situações sociais, algumas delas pautadas na dialogia e outras deixando transparecer uma dimensão conflitiva, tudo isso em conformidade com a dinâmica da análise situacional descrita e conceituada por GLUCKMAN e VAN VELSEN (2010). Toda a

riqueza desse processo de interação social – exatamente como processo que se desenrola no tempo diacrônico – pode ser mensurada e analisada dentro de um contexto específico. BENSA (1998, p.47) define contexto como “(...) um conjunto de atitudes e de pensamentos dotados de sua lógica própria mas que uma situação pode momentaneamente reunir no interior de um mesmo fenômeno”.

Em Bom Jesus, o contexto que se apresenta diz respeito tanto ao resultado de um contínuo exercício de ações extensionistas nos últimos cinco anos, quanto a um debate que tem se manifestado agora, em 2018, acerca do que pode ser um modelo eficaz de ensino médio integrado. Ora, é inevitável pensar que essas duas variáveis de um mesmo contexto precisam conversar entre si: como se conceber um projeto de ação integrada no ensino desconsiderando o que já vem sendo feito na extensão e que, sabe-se, tem grande potencial para dialogar com a pesquisa. O desafio que se coloca então é chegar-se à inovação e, nesse ponto, a produção audiovisual se apresenta como um bom caminho.

Considerando que ações de extensão são aquelas que se caracterizam como movimentos contínuos e direcionados para fora do campus, ao encontro de comunidades externas; considerando igualmente que essas ações se fundamentam em trabalhos de pesquisa quase sempre baseados no uso de instrumentos de coleta de dados como observação direta, conversas informais, entrevistas e outras práticas comuns de etnografia; considerando mais ainda que tais ações, ainda que não estejam formalmente, tem o condão de estarem vinculadas ao trabalho cotidiano da sala de aula; considerando, pois, tudo isso é que aqui se propõe um projeto direcionado para produção audiovisual ou, mais especificamente, para a realização de documentários etnográficos que concentrem o olhar sobre algumas das ações extensionistas do *campus*, sempre com a preocupação de apresentá-las em sua dimensão mais rica e perturbadora: como instrumentos potenciais de interação social, dentro e fora do *campus*. A opção pelo audiovisual se justifica por algumas de suas potencialidades: sua linguagem tende a ser democrática, transcende os limites de território, de formação cultural e de geração; os produtos audiovisuais tem grande alcance de público, especialmente quando disponibilizados

na internet ou em redes sociais; a linguagem do audiovisual é permeável para diferentes interpretações e opções estéticas.

No que se refere ao projeto como um todo, o seu desenvolvimento se justifica pela necessidade de se reafirmar e difundir o potencial integrador de projetos e ações extensionistas do *campus* Bom Jesus, isso dentro de um contexto sócio histórico que consiste em se debater propostas de ensino médio integrado no IFFluminense, com a perspectiva de que essas propostas se convertam num projeto de ação pedagógica da instituição. Por outro lado, a ressignificação dessas ações e dos projetos de extensão do *campus* tende a lhes proporcionar uma vida ativa mais longa porque o audiovisual pode oxigenar tanto os servidores e alunos que conduzem tais ações e projetos, quanto as pessoas das comunidades externas onde se efetivam ambos. A proposta de produção audiovisual, que toma como base ações de extensão, por si mesma, tem um pé fincado na territorialidade, considerando que são projetos e ações que vem sendo desenvolvidos há meses ou anos, mantendo contato direto com pessoas e comunidades que estão inseridas num território que vai muito além dos muros do *campus*.

O objetivo geral, então, seria fomentar a produção de documentários etnográficos cujas narrativas dão conta do potencial integrador de ações de extensão do *campus* Bom Jesus. Os objetivos específicos seriam: formar equipe técnica em produção audiovisual; exercitar, de modo conjugado, trabalho criativo e olhar etnográfico; aprofundar o debate em torno de um modelo educacional integrador, que concilia ensino, pesquisa e extensão; reafirmar e difundir o potencial integrador de ações de extensão do *campus*.

Metodologia ou Materiais e Métodos

A metodologia de execução do projeto reúne, por um lado, ações de observação direta motivadas por uma perspectiva etnográfica em conformidade com CARDOSO DE OLIVEIRA (2000), LALANDA (1998) e MARTINS (2004), que pressupõem o contato direto com pessoas envolvidas nas ações extensionistas, dentro e fora do *campus* Bom Jesus do Itabapoana. Essa observação direta deve ser acompanhada pela realização de entrevistas semiestruturadas na acepção de

RICHARDSON (2014), empregando o procedimento da escuta de MOUTINHO (2016) e técnicas definidas por GIL (1999). Junto a esse exercício etnográfico, que necessariamente exige da equipe uma constante de trabalho de campo, deverá ser feita a produção audiovisual propriamente dita em conformidade com aspectos procedimentais definidos por CAMPOS (2008) e COUTINHO (2016). A análise dos dados coletados, que servirá de *leit motiv* para a consecução da narrativa em audiovisual, obedecerá aos princípios da análise situacional de GLUCKMAN (2010) e VAN VELSEN (2010), o que significa que os produtos audiovisuais devem ter os dois pés firmados no trabalho de campo. Com base nesses pressupostos, o desenvolvimento das ações do projeto deverá seguir o seguinte passo a passo, que não necessariamente se trata de uma sucessão de procedimentos com início, meio e fim, mas de procedimentos, sim, que se apresentam enquanto tais no desenrolar do projeto.

1) Reuniões e conversas informais com equipe dos projetos e ações de extensão, com o objetivo de conhecer o desenvolvimento de seus respectivos projetos, dando especial atenção aos problemas enfrentados, às soluções encontradas e aos processos de interação com a comunidade.

2) Leitura dos projetos, com a finalidade de adquirir informações a partir da formatação técnica de seus textos.

3) Capacitação técnica da equipe, com o objetivo de fundamentar um olhar etnográfico e, simultaneamente, desenvolver potencialidades técnicas em produção audiovisual (roteiro, produção, direção, fotografia e iluminação; som; edição; pós produção).

4) Elaboração de roteiros de trabalho de campo, direcionados para os territórios de abrangência das ações e dos projetos de extensão que servem de elementos motivadores para a produção de documentários etnográficos;

5) Elaboração de roteiros de documentários etnográficos, considerando sempre que esses roteiros podem, a qualquer momento, sofrer alterações diante de situações de campo.

6) Realização de etnografia em comunidades onde se desenvolvem os referidos projetos e ações de extensão.

7) Registro de imagens e coleta de entrevistas, empregando tanto a perspectiva etnográfica, quanto o domínio de técnicas de produção audiovisual.

8) Análise dos dados coletados em campo, com base nos pressupostos da análise situacional.

9) Redimensionamento dos roteiros de execução, levando em consideração os prováveis imprevistos encontrados em situações de trabalho de campo.

10) Edição dos documentários etnográficos.

11) Exibições comentadas *in loco* dos produtos audiovisuais, preferencialmente no *campus* de origem das ações e dos projetos, bem como nas comunidades onde os mesmos tem sido desenvolvidos.

12) Disponibilização dos produtos audiovisuais em site.

No que se refere aos recursos materiais necessários para a execução das ações previstas, o *campus* Bom Jesus do Itabapoana dispõe de equipamentos de produção audiovisual que foram recentemente adquiridos através da utilização de recurso financeiro de Emenda Parlamentar direcionada para a Coordenação de Arte e Cultura: duas filmadoras Full HD; duas câmeras fotográficas semi profissionais; cartões de memória; tripé para filmadora e câmera fotográfica; microfones com cabos de conexão; gravador de entrevistas; PC *workstation* com monitor (apropriado para servir como ilha de edição). Três espaços físicos do *campus* tem potencial para servirem como estúdios ou para guarda de equipamentos: sala do Centro de Memória, sala de Artes e casa experimental de bioconstrução. O *campus* Bom Jesus também dispõe de veículos próprios que podem ser utilizados no deslocamento da equipe em seus trabalhos de campo.

Resultados e discussão

O projeto foi recentemente institucionalizado através de sua aprovação em conformidade com o Edital n. 85/2018, que regulamenta projetos de cultura e diversidade. Em sequência, houve processo seletivo para bolsistas e acabaram sendo aprovados dois alunos do segundo ano de Ensino Médio Integrado de Química: Brenno Diniz Brandão e Victória Lessa da Silva. Entretanto, mesmo antes desses procedimentos de institucionalização do projeto como um todo, ações

previstas no mesmo já vinham sendo esporadicamente desenvolvidas, em especial o registro de depoimentos e de imagens de trabalhos vinculados a projetos de extensão como o NEABI, a incubadora de empreendimentos solidários e o projeto desenvolvido com agricultores do município de Apiacá-ES. No primeiro caso, já existem os primeiros registros ainda em estado bruto de trabalho de campo de um documentário etnográfico sobre a presença dos puris em Bom Jesus do Itabapoana, e de outro sobre o evento Abril Indígena e seus desdobramentos junto à comunidade interna e externa do *campus*; já foi lançado e debatido com segmentos da comunidade o documentário intitulado *Do Novembro Negro ao Abril Indígena: em busca da terra sem males*. No segundo caso, foram produzidos registros ainda em estado bruto do evento I Seminário de Economia Solidária e ações vinculadas ao projeto junto à comunidade de remanescentes de quilombo de Machadinha tem igualmente sido registradas; já se encontra em andamento a produção de um roteiro para documentário etnográfico que venha a contemplar esse material já registrado, bem como outros registros de depoimentos e imagens que ainda estão por vir. Já no terceiro e último caso, encontra-se praticamente pronto um vídeo de curta duração sobre o trabalho cotidiano de produção e comercialização de artigos agrícolas oriundos de pequenas comunidades de assentados. De um modo geral, esses trabalhos em desenvolvimento ou já concluídos vem sendo objetos de debates, tanto com pessoas que compõem a equipe técnica de produção dos documentários e que se dispõem *in loco* – nos trabalhos de campo ou em reuniões de produção – a compartilhar ideias, angústias e experiências, quanto entre outras pessoas da comunidade que participam de exposições comentadas do documentário sobre terra sem males.

Como se pode notar, o processo de produção dos audiovisuais, que estava em curso mesmo antes de se ter um projeto institucionalizado, vem rendendo frutos e tem como pressuposto o trabalho coletivo: coletivo tanto no que diz respeito à composição da equipe técnica dos documentários, quanto no que se refere aos intercursos casuais ou não com pessoas das comunidades atendidas pelos projetos de extensão, e aqui se inclui o Cineclube Debates, que tem sido o canal potencializador não apenas de discussões profícuas sobre os temas abordados nos

produtos audiovisuais, mas igualmente tem atuado como meio de fomento de novas ideias de produção e instrumento aglutinador de pessoas que também querem produzir. É inevitável dizer que o projeto de produção audiovisual, que surge e caminha par e passo com o cineclube, tende a se retroalimentar com as ações coletivas que são características desse outro projeto: em síntese, aquele sujeito que assiste ao audiovisual e debate sobre ele possui, em geral, uma forte predisposição para querer produzir algo parecido com o que já foi assistido e debatido. Além dessa predisposição, pode-se dizer que esse mesmo sujeito, nem que seja pelo hábito de ver filmes com frequência, traz consigo uma sensibilidade ou mesmo um arremedo de conhecimento de linguagem e teoria do cinema que ajudam muito no trabalho efetivo de produção.

Conclusão

Independentemente de sua institucionalização ser recente, o projeto efetivamente tem suas ações sendo desenvolvidas desde setembro de 2017, quando ocorreu a chegada de seu coordenador ao campus Bom Jesus do Itabapoana. Seus resultados concretos incluem desde a produção e o lançamento do documentário etnográfico *Do Novembro Negro ao Abril Indígena: em busca da Terra sem Males* até o registro em audiovisual de eventos e depoimentos ligados a projetos de extensão já citados. Esses resultados, entretanto, devem ser entendidos como precursores do processo efetivo de desenvolvimento do projeto, que está se iniciando em agosto de 2018 com previsão de término em julho de 2019. Sendo assim, os materiais em estado bruto já registrados serão adicionados a outros que estão previstos para serem gravados e editados, resultando assim em documentários etnográficos sobre o evento Abril Indígena, o trabalho da incubadora de empreendimentos solidários, a presença do povo originário puri no município de Bom Jesus do Itabapoana e um exercício criativo sobre percussão e território fluminense. Na melhor das hipóteses, existe a expectativa de que quatro ou no mínimo dois desses documentários estejam concluídos até meados de 2019, para serem disponibilizados através de redes sociais ou exibidos em sessões de cineclube, dentro e fora de Bom Jesus do Itabapoana. Para que isso ocorra,

simultaneamente ao processo de confecção desses produtos audiovisuais, serão desenvolvidas pelo menos duas capacitações técnicas (em edição e fotografia), realizados trabalhos de campo e elaborados roteiros narrativos, bem como serão exibidos e debatidos audiovisuais cujas temáticas se aproximem daquela que norteia o que vem sendo produzido ao longo do desenvolvimento das ações do projeto. O pressuposto de se tomar por base ações de extensão e, sob o prisma da produção audiovisual, dialogar com o ensino e com a pesquisa, obviamente, tem sido o elemento motivador de tudo isso.

Referências

BENSA, Alban. (1998). Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 39-76.

CAMPOS, Fábio. **Produção de Cinema e Vídeo**. Acesso em 11 mar. 2018. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://incubadoraculturalcursos.com.br/a/images/PDF_dicas_de_para_alunos/LivrocorretoFabioCamposfinalProducaodeCinemaeVideo.pdf>.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (2000). **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 17-36.

COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Acesso em 11 mar. 2018. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11_audiovisuais.pdf>.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia Moderna. In: FELDMANBIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 237-364.

LALANDA, Piedade. Acesso em 10 jul. 2016. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. **Análise Social**, vol. XXXIII, (148), 1998, (4), 871-883. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf>>.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Acesso em 18 maio 2015. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo; USP, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio-ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>>

MOUTINHO, Ronaldo Só. (2016). Acesso em 30 abr. 2016. **Escuta: legado afrodescendente e seus desafios**. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, jan.-abr. 2016. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0010210042016.pdf>>

PAULA, João Antônio de. **A extensão universitária: história, conceito e propostas**. Acesso em 11 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.dche.ufscar.br/extensao/Aextensouniversitriahistoriaconceitoepropostas1.pdf>>.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 2014.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 437-468.